



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
GRADUAÇÃO EM LETRAS – PORTUGUÊS E ESPANHOL

BRUNA CAROLINA ECKERLEBEN

**O CONTO EM LÍNGUA PORTUGUESA EM SALA DE AULA:
UMA APOSTA POSITIVA**

CERRO LARGO

2014

BRUNA CAROLINA ECKERLEBEN

**O CONTO EM LÍNGUA PORTUGUESA EM SALA DE AULA:
UMA APOSTA POSITIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras – Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de professor de Licenciando em Letras – Português e Espanhol.

Orientador: Profº Dr. Demétrio Alves Paz

CERRO LARGO

2014

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

ECKERLEBEN, BRUNA CAROLINA
O CONTO EM LÍNGUA PORTUGUESA EM SALA DE AULA: UMA
APOSTA POSITIVA/ BRUNA CAROLINA ECKERLEBEN. -- 2014.
27 f.

Orientador: DEMÉTRIO ALVES PAZ.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de LETRAS -
PORTUGUÊS E ESPANHOL , Cerro Largo, RS, 2014.


1. LITERATURA. 2. CONTO. 3. LÍNGUA PORTUGUESA. I.
PAZ, DEMÉTRIO ALVES, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.


UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – UFFS
CAMPUS CERRO LARGO
CURSO DE LETRAS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO

Ata de Defesa do Trabalho de Conclusão em Letras de **Bruna Carolina Eckerleben**.


Aos vinte e três dias do mês de julho de dois mil e quatorze, reuniu-se a banca examinadora do trabalho apresentado como Trabalho de Conclusão em Letras de **Bruna Carolina Eckerleben**, intitulado: “O CONTO EM LÍNGUA PORTUGUESA EM SALA DE AULA: UMA APOSTA POSITIVA”. Compuseram a banca examinadora os professores **Demétrio Alves Paz** (Orientador), **Pablo Lemos Berned** e **Ana Cláudia Porto**. Após a exposição oral, a candidata foi arguida pelos componentes da banca que reuniram-se, reservadamente, e decidiram aprová-la, com a nota 8,4. Para constar, redigi a presente Ata, que aprovada por todos os presentes, vai assinada por mim, Coordenadora do Curso de Letras, e pelos demais membros da banca.


Demétrio Alves Paz - Orientador


Pablo Lemos Berned - Avaliador 1


Ana Cláudia Porto - Avaliador 2


Bruna Carolina Eckerleben - Acadêmica


Ana Cláudia Porto
Coordenadora do Curso de Letras

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela vida e força para lutar pelo meu sonho.

Ao meu professor orientador, Dr. Demétrio Alves Paz, pelo auxílio, disponibilidade de tempo e material para pesquisa do tema, pelos conselhos, pelos aprendizados e principalmente pela amizade.

À minha família, mãe Elveni e pai Edeimar, por sempre acreditar, confiar em mim e estar sempre ao meu lado, com muito carinho e apoio, não medindo esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida. Aos meus irmãos Lauro e Laurete pelo apoio, carinho, brincadeiras, brigas e amizade de toda a vida.

Aos meus amigos que sempre estiveram ao meu lado, tolerando minha ausência para que eu pudesse concluir minhas pesquisas, aos colegas pelo companheirismo vivido durante os anos de graduação.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento deste trabalho.

Enfim, a todos que contribuíram de alguma forma em minha vida e graduação, muito obrigada.

O CONTO EM LÍNGUA PORTUGUESA EM SALA DE AULA: UMA APOSTA POSITIVA

Resumo: o presente trabalho tem como objetivo desenvolver um estudo sobre o gênero conto, sua importância em sala de aula, suas origens até hoje em dia e a metodologia proposta a partir da obra *Letramento Literário*, de Rildo Cosson. O trabalho foi desenvolvido a partir de pesquisas bibliográficas e observações em sala de aula, em relação ao tema delimitado. Qual a melhor maneira de se trabalhar com contos em sala de aula, qual é a visão dos alunos em relação aos contos. Acreditamos que a partir desses dados podemos compreender melhor a realidade das escolas com o trabalho da leitura e da escrita de textos literários. A metodologia proposta por Cosson é a melhor maneira de se trabalhar com contos em sala de aula. A leitura de bons textos, com valor estético, contribui para o estabelecimento de relações entre o sujeito e o mundo. Igualmente, concebemos a linguagem e a leitura como processos de constituição do sujeito. A literatura desempenha um papel importante na reflexão de como o sujeito age com o mundo circundante. A partir disso, a leitura de textos literários auxiliará tanto professores quanto alunos a explorarem a riqueza de nossa língua e as diferentes visões de mundo que há nos países falantes de língua portuguesa. Além disso, a riqueza lexical, a criatividade no uso da língua e visão social apresentados nos contos contribuem para o debate acerca do ser humano.

Palavras-Chave: Letramento. Literatura. Conto. Língua Portuguesa. Ensino.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo desenvolver um estudo sobre o gênero conto, sua importância em sala de aula, de que forma é trabalhado nas escolas. Acreditamos que o conto seja a porta de entrada para conquistar novos leitores e introduzi-los ao estudo e leitura da literatura, partindo dessa perspectiva resolvemos usá-lo para colaborar com a formação de novos leitores.

O trabalho desenvolveu-se a partir de pesquisas bibliográficas e observações em sala de aula, em relação ao tema delimitado. Para tanto, contamos com a colaboração do PIBID/Letras Cerro Largo para a realização das atividades elaboradas a partir de contos selecionados pelos acadêmicos desse referido programa.

Com isso, percebemos que a leitura auxilia tanto professores quanto alunos a explorarem a riqueza de nossa língua, as diferentes visões de mundo, a criatividade no uso da língua, assim como contribuir para o debate sobre o ser humano a partir da visão social representada nos contos.

Rildo Cosson (2011) observa que a literatura não apenas tem a palavra em sua constituição material, como também a escrita é seu veículo predominante. A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana.

A obra *Letramento Literário* (2011), de Rildo Cosson colaborou muito para nossa pesquisa em relação ao trabalho com leitura, literatura e contos. Assim como as outras obras lidas, ela proporcionou uma melhor compreensão sobre o uso de textos literários em sala de aula.

O CONTO EM LÍNGUA PORTUGUESA EM SALA DE AULA: UMA APOSTA POSITIVA

1. LEITURA E ESCRITA NA FORMAÇÃO ESCOLAR

Regina Zilbermann (2009) ressalta que a escrita e a leitura tornaram-se meios de diferenciar as pessoas em alfabetizadas ou não, letradas ou iletradas, reforçando assim, o importante papel da escola. É a partir dessa valorização da leitura que ocorre a emancipação intelectual do indivíduo. A autora destaca a importância de que não é qualquer leitura que causa esses efeitos positivos, visto que a literária é a mais adequada.

A partir do momento em que a leitura foi se tornando um exercício, procurou-se uma forma de barrá-la, já que uma grande parte do público leitor era formado por mulheres, que por muito tempo foram discriminadas e julgadas como incapazes – não tinham capacidade de administrar sua carreira, a sua família, pois tinham de cuidar dos filhos. A partir do século XVIII, percebeu-se o papel emancipador da leitura. Desde então, ela assumiu uma função de transformação tanto do indivíduo quanto da sociedade.

A escola possui destaque nessa transformação, podendo formar leitores ou não. Dessa maneira, Zilberman (2009) ressalta a importância de apresentarmos o real significado da leitura, sua amplitude, seu poder de transformação e de racionalização ao nos atribuir inteligência, assim como gerar o poder da imaginação. A pesquisadora acredita que a literatura não deve ser lida como obrigação pelos alunos, muito menos trabalhada em fichas de leitura, o aluno deve vê-la como um hábito, uma forma de crescimento pessoal.

A importância da leitura e sua relação com a escola é destacado por Marisa Lajolo (2009) em seu artigo “O texto não é pretexto. Será que não mesmo?” e mostra como um texto pode ser interpretado de diferentes formas, dependendo muito do conhecimento e interesse de quem o lê. Para ela,

O texto não é pretexto para nada. Ou melhor, não deve ser. Um texto existe na medida em que se constitui ponto de encontro entre dois sujeitos: o que escreve e o que o lê; escritor e leitor, reunidos pelo ato radicalmente solitário da leitura, contrapartida do igualmente solitário ato de escritura. (LAJOLO, 2009, p. 52)

Um mesmo texto pode ser considerado tanto muito bom como também muito ruim, pois pode ser tanto melhorado por um bom leitor quanto prejudicado por um mau.

A leitura de um texto está unida pela construção de conhecimentos por parte do autor e do leitor. O texto costuma ser produto do trabalho individual do autor e encontra sua função na leitura individual do leitor. Dentro da escola, os textos devem circular normalmente, por isso os professores devem ser bom leitores com o objetivo de preparar seus alunos para terem competência de formarem opiniões críticas sobre os textos lidos. Lajolo defende a ideia de que textos ruins podem ser muito bem trabalhados quando há uma boa leitura do mesmo,

[...] mesmo com um texto muito ruim, se pode fazer um bom trabalho. Desde, é claro, que se trate de um bom leitor, e que se leve a sério a conquista, palmo a palmo, de uma certa autonomia em relação aos textos didáticos. Mas, assim como um bom leitor pode atenuar a carga negativa de um mau texto, um bom texto pode ser prejudicado por um mau leitor. (LAJOLO, 2009, p. 55).

Alguns textos são usados em sala de aula apenas para ensinar o vocabulário ou outro conteúdo, perdendo assim o valor que a leitura da obra pode proporcionar. Textos ricos em garimpos da linguagem constituem uma excelente oportunidade para que se discuta o limite histórico da norma culta, as relações entre o falar e o escrever, entre o escrever antigamente e o escrever hoje. (Marisa Lajolo, 2009)

É a partir de um texto e de sua leitura que se atribui significação, reconhecendo nele o tipo de leitura que seu autor pretende nos proporcionar, conseguindo relacioná-lo a todos os outros tipos de textos significativos. O conceito de leitura do passado tinha como princípio a organização da subjetividade do leitor em formação, para Lena Lois (2010, p. 17),

[...] a leitura ficava restrita a ser sinônimo de alfabetização, ou melhor, de decodificação. Alfabetizar era tornar o estudante apto a decifrar e decodificar o signo escrito e ter fluência sobre ele. A escola perdia de vista que a linguagem é uma forma de interação social e tornava a leitura uma mera repetição técnica. Seu papel se resumia em ser sistematizadora de trivialidades: regras, normas e aproximação fugaz da leitura. Rigidez era a palavra de ordem e disciplina era confundida com ausência de questionamento.

O texto perdia-se em sua contextualidade, era apenas considerado fragmento, desconstruído e estava ali para treinar o estudante em seu aprendizado de regras gramaticais. Para Lois (2010, p 19), “ser letrado é estar vivo ao que a cultura tem a nos oferecer. É não se contentar só com a leitura dos livros. É poder ver além do escrito. É demarcar território. Assumir a própria palavra é não deixar que ela seja a reprodução da palavra do outro”.

2. O PAPEL DO CONTO NO ENSINO: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO

Acreditamos que novos leitores podem ser conquistados e introduzidos ao estudo e leitura de textos literários por meio dos contos, pois a prática da leitura literária nos incentiva a compreender e a desejar o mundo por nós mesmos. Durante o ato de ler, podemos viver como os outros, assim como romper os limites do tempo e do espaço. (Cosson, 2011)

De acordo com Rildo Cosson (2011, p. 27), “ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são o resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço.” Assim, o exercício da leitura e da escrita de textos literários é uma das formas de se expressar, pois provoca não só a compreensão textual, mas também o interesse de que ler não é só explorar o texto, é compreendê-lo, é pensar mais e ir além do que está escrito.

Após lermos um livro, para Cosson (2011), o que expressamos ao final da leitura são os sentidos do texto, não sentimentos. Isso é evidente quando lemos a mesma obra de maneira diferente, em diferentes etapas de nossas vidas. O texto literário apresenta um efeito de proximidade, resultado do diálogo que ele nos permite manter com o mundo.

O desafio dos textos literários é nos permitir imaginar fatos inexistentes, controlar o sentido, mostrar como um texto produz significações, para Jouve (2012, p. 152):

O desafio dos estudos literários é perseguir sentidos efetivamente presentes, não projetar na obra sentidos que não estão ali. A fronteira pode parecer indefinida; mas ela é essencial, porque separa duas abordagens da literatura. A primeira nega a alteridade do texto ao afirmar que o único interesse que ele tem é aquele que cada leitor lhe dá. A segunda lhe atribui um valor próprio ao aceitar a ideia de que é como outro, exterioridade, que ele tem algo a nos dizer – e não como virtualidade inteiramente assimilável.

Neste caso, não poderemos modificar a arquitetura de um texto, pois não teremos mais o mesmo objetivo. E o que se perde com isso é a intensão do texto, ou seja, o sentido que o mesmo produz. A linguagem é capaz de representar o mundo, pois existe uma correspondência entre uma expressão e aquilo que ela exprime. (Jouve, 2012)

Cosson (2011, p. 30) enfatiza que “aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular.” O leitor não nasce feito, isto é, o simples fato de saber ler não o transforma em leitor maduro. Ele é formado

quando desafiado por leituras complexas¹, sendo papel do professor partir daquilo que o aluno conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de ampliar seus horizontes de leitura e de mundo.

O professor precisa orientar as leituras, selecionar cuidadosamente os títulos, proporcionar a liberdade crítica do aluno na escolha das obras, visto que ler e interpretar um texto literário é um ato crítico, que envolve hipóteses, o que não significa que toda interpretação seja legítima e admissível. (Cosson, 2011) É na mesma perspectiva que Vítor Aguiar e Silva (2010, p. 214) evidencia que “a leitura e a interpretação dos textos literários devem ser para os alunos uma viagem guiada pelo professor com segurança, mas com delicadeza e com discrição, de modo que o aluno seja efetivamente um leitor com identidade própria.”

O professor é um mediador entre o livro e o aluno, pois muitas das obras que aquele leu são repassadas a este. A permanência de alguns títulos por muito tempo nas escolas dá-se por esse motivo. A leitura amplia saberes, conhecimentos, fazendo-nos ir além do que está no texto. A capacidade de leitura garante ao indivíduo sua autonomia: uma porta de acesso ao mundo. Ao não se contentar apenas com a leitura de livros, Lena Lois (2010, p. 19) enfatiza que “o poder maior que a leitura dá ao cidadão não deve estar apenas em sua autonomia para atividades da vida diária, mas em seu poder de escolha: ler para ampliar sua bagagem, expressar sua subjetividade e ir adiante em sua contribuição social.”

Aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade, são práticas que transformam as relações humanas. Compreender a leitura deve ser um processo linear. A habilidade de ler e a familiaridade com a cultura resultam numa emancipação do indivíduo formador de suas próprias opiniões. Regina Zilberman (2009, p. 29) ressalta que “a leitura da literatura é apresentada como variável e flexível, adaptando-se às novas condições, já que leituras ficcionais sofrem restrições, justamente por parte de alguns dirigentes escolares.” A escola deve recorrer à literatura para reavaliar seus propósitos. Pode-se dizer que a literatura reproduz a vivência com o mundo exterior. Se ela é enfatizada em sala de aula, resgata sua função primordial, recuperando o contato do aluno com obras de ficção.

É neste sentido que podemos afirmar que o letramento associa-se ao ato de ler, sendo muito importante para a formação pessoal, por representar não apenas o sujeito, mas a

1 Entendemos por complexos os textos/obras/livros que exigem do leitor uma maior compreensão do mundo e de relações, assim como são aqueles que apresentam temas relevantes para a formação do indivíduo.

condição de rompimento na aquisição dessa prática educativa. A questão é saber se a escola está preparada para o exercício dessa tarefa. Para Paulino (1998, p. 64) “Letramento passa a designar mais comumente a habilidade de ler e escrever, em uma noção que abarca o que chamamos de alfabetização”. Assim fica claro, também, que o letramento passa a ser plural, pois há um número expressivo de letramentos: digital, financeiro, midiático. O indivíduo alfabetizado é aquele que lê e escreve; o indivíduo letrado é não só aquele que lê e escreve, mas também aquele que usa a leitura e a escrita, de forma a responder às demandas sociais.

Partindo do letramento como um processo de leitura, o texto literário deve desempenhar um papel central na educação das crianças, dos jovens e adultos, com o adequado nível de estudo e aproveitamento dos textos literários e sua relação com textos musicais e textos fílmicos. Para Aguiar e Silva (2010, p.209):

Os textos literários lidos e estudados na disciplina de Português do ensino básico e do ensino secundário devem ser escolhidos tendo em consideração os estágios do desenvolvimento linguístico, psicológico, cognitivo, cultural e estético dos alunos, mas devem ser sempre textos de grande qualidade literária, isto é, no sentido mais lídimo da expressão, textos canônicos.

Se a escola pretende amadurecer o leitor, deve proporcionar ao aluno textos literários, que são as leituras mais complexas. Um bom leitor ou leitor maduro é aquele cuja maturidade é construída ao longo da intimidade com vários e diferentes textos. Cada nova leitura altera o significado de tudo o que já foi lido, tornando sua compreensão mais profunda.

É necessário recuperar nos livros um conjunto dos mais belos e esplendorosos textos, escolher com gosto e senso estético o que será lido e estudado. A leitura desperta emoções a quem lê: alegrias, tristezas, angústias, revolta, indignação. Um leitor que lê com a memória, com a imaginação e com suas expectativas revela sua própria identidade. Portanto, a literatura desempenha um papel importante na reflexão de como o sujeito age com o mundo. A partir disso, a leitura de textos literários auxilia professores e alunos a explorar a riqueza de nossa língua e as diferentes visões de mundo expostas nas obras. (Aguiar e Silva, 2010)

O texto literário, como nenhum outro tipo de texto, apresenta múltiplos discursos e diálogo com múltiplos textos. É o espaço, por excelência, de relações que se estabelecem entre dois ou mais textos, do diálogo entre discursos ou a forma como se relaciona um determinado tipo de discurso com outro. Para Vitor Aguiar e Silva (2010, p. 186) “escrever um texto ou ler um texto são atos e processos que pressupõem o diálogo com outros discursos, o conhecimento de outros textos, a interação com outras vozes e outras linguagens”.

A leitura permite a diminuição da distância entre o uso da linguagem artística e a cotidiana para o estudante, deixando manifestar as diferenças entre cada uma delas por meio do ato de ler. Se a literatura é considerada a arte das palavras, a oralidade é a primeira fonte de contato com o livro e com o texto escrito. As histórias contadas na infância permanecem na memória, por terem sido apresentadas/contadas por alguém significativo e representativo na vida da criança. Logo, a leitura também aproxima as pessoas. (Lena Lois, 2010)

O indivíduo que se identifica com os livros, com as histórias contadas, fortalece seu crescimento como leitor. É na jornada dos personagens que ele se identifica, se habilita a novas perguntas e respostas. Segundo Lois (2010, p. 30) “as palavras possuem poder. As palavras da literatura revelam seu poder naquilo que há de mais humano em nós: a metáfora e a capacidade de transcender a realidade”.

De acordo com Bosi (2001, p. 07), “o conto cumpre a seu modo o destino da ficção contemporânea. Posto entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade”. A literatura em língua portuguesa tem no conto uma das principais e mais originais vertentes da ficção.

3. O CONTO EM LÍNGUA PORTUGUESA: UM PERCURSO

O conto caracteriza-se por ser uma história curta, com poucos personagens, com unidade de ação e espaço, isto é, o início é tão importante quanto o final, pois o autor precisa preocupar-se com o fluir de sua história para prender a atenção do leitor e chegar ao final surpreendente. Devido a sua brevidade, o conto deve ser conciso, nada nele pode ser gratuito, por isso todas as informações precisam ter alguma utilidade no desenvolvimento da história (GOTLIB, 1985).

Assim como na literatura universal, no Brasil sempre houve duas correntes do conto: uma naturalista, outra psicológica. O conto psicológico, que tem em Machado de Assis o seu melhor e maior representante em nosso país, busca no ser humano o seu tema, desenvolvendo os conflitos internos do homem em qualquer situação. Por outro lado, o conto naturalista transforma-se em regionalista e urbano. Nesses há o conflito externo do homem – homem X natureza, homem X cidade, homem X homem (LIMA, 2005).

Ao falar sobre o conto contemporâneo, Alfredo Bosi (2001) afirma que o conto é o destino da ficção contemporânea, visto que ele assume diversas formas devido ao fato de estar situado entre a narração de tradição realista, o fantástico e o experimentalismo formal. De

acordo com esse crítico, o conto seria a condensação e a potencialização das possibilidades da ficção, pois a sua brevidade exige muito do escritor.

Bosi (2001, p. 8) comenta que o conto é o lugar de “situações exemplares vividas pelo homem contemporâneo” ocorrerem. Como essas situações aparecem no texto? O conto, o bom conto, deve ter uma unidade de sentido, que é obtida pela escolha de uma situação exemplar pelo narrador. Por isso o contista é “um pescador de momentos singulares cheios de significação” (BOSI, 2001, p. 9). O trabalho do contista será o de reinventar essa situação buscando aquilo que não foi visto e sentido pelos outros. Bosi (2001, p. 8) nos deixa claro que:

Durante esse processo de busca e invenção enfrentam-se o narrador e o fluxo da experiência: este acabará sendo a substância narrável, aquela “matéria vertente”² de que fala Riobaldo no Grande Sertão. O narrável vai-se formando, de frase a frase, mediante a operação da escrita ficcional: é esta que sonda, no universo possível, móvel e aberto da existência, aquelas situações que vão ser significadas e resolvidas em tema e em estilo.

Situações essas que precisam ser apresentadas em diversos temas: a vida no campo, as relações familiares, a violência urbana, a lembrança do passado, entre outros. Todavia, todos tentam a atingir a parte transcendental do ser humano comum. Para Bosi (2001, p.9),

[...] a invenção já terá superado, enquanto ato estético, as oposições externas, peculiares ao assunto. A preferência por certos assuntos e o desdém de outros não vigem na ordem da arte: provêm de um embate ideológico mal situado. E quanta bôlís se pouparia se ficasse bem claro esse ponto: ser a favor ou contra o regional, a favor ou contra o universal, não faz sentido como juízo literário: é, no fundo, projeção indiscreta de ideologias grupais.

Assim como no Brasil, em Portugal o conto adquire maturidade a partir do Romantismo, mas se torna um gênero nobre no Realismo (MOISÉS, 2004), apesar de haver contistas desde o século XVI, tais como Gonçalo Fernandes Trancoso. Os dois primeiros exímios contistas foram Fialho de Almeida e Trindade Coelho ainda no século XIX. No século XX, o conto adquire mais cultores e leitores devido ao fato de ser “o gênero que se coaduna melhor com o espírito de nosso tempo, marcado pela velocidade, pelo aproveitamento científico do ócio ou do lazer” (LINHARES, 1968, p. 3). Desde os anos trinta do século passado que o conto passa a ser um dos principais gêneros da literatura portuguesa, concorrendo com a poesia em artistas. Nomes como José Régio, Miguel Torga, Fernando

2 Ligada à tentativa de "armar o ponto dum fato", dá à estrutura do livro uma caracterização trágica no sentido aristotélico.

Namora, Urbano Tavares Rodrigues, José Cardoso Pires atestam a qualidade do conto português. No século XXI, escritores que iniciaram a carreira literária no século anterior, assim como os novos que surgiram na última década prolongam uma tradição contística relevante.

Em relação às literaturas africanas de língua portuguesa, Maria Aparecida Santilli (1985) ressalta a importância do século XX, visto que a dominação europeia do século XIX reprimia a produção intelectual nas colônias. O século passado viu não só a independência das nações, mas também a formação de uma literatura que os representasse. Em Moçambique, Angola e Cabo Verde surge uma geração que formará as bases de cada literatura. O conto possui relevância tanto na produção dos escritores quanto na representação da experiência colonial.

Assim sendo, a literatura em língua portuguesa, seja ela europeia, americana ou africana, tem no conto uma das principais e mais originais vertentes da ficção, colaborando para a inovação formal, linguística, temática tanto quanto a representação de diferentes vivências e visões de mundo. O conto, portanto, é uma das formas de conhecer e apreciar a riqueza da prosa ficcional em nosso idioma.

Importante lembrar que, por considerarmos a leitura um ato ativo e responsivo³, a leitura dos contos será sempre um ato em que os sujeitos ofertarão suas próprias palavras às palavras do texto e não uma leitura passiva, com meras reproduções, afinal “um leitor que não oferece às palavras lidas as suas contrapalavras, recusa a experiência da leitura. É preciso vir carregado de palavras para o diálogo com o texto” (GERALDI, 2007, p. 43).

4. LETRAMENTO LITERÁRIO: SEQUÊNCIA BÁSICA

Seguindo a metodologia proposta por Rildo Cosson na obra *Letramento Literário* (2011), elaboramos atividades a serem aplicadas com os contos em sala de aula com o objetivo de implementar o letramento literário por meio de textos de autores de língua portuguesa. Após leitura e análise, selecionamos, para a elaboração das atividades, contos dos seguintes autores: Rubem Fonseca, Moacyr Scliar, Machado de Assis, Osman Lins, Lygia Fagundes Teles, Sérgio Faraco, Dalton Trevisan, Otto Lara Resende, Murilo Rubião, Fernando Sabino, José Saramago, Lídia Jorge, Teolinda Gersão, Maria Ondina Braga, Sophia

3 Noção de sujeito enquanto um ser ativo, eticamente comprometido e responsável por suas ações e decisões e responsivo ao outro.

de Mello Breyner Andresen, Nelson Saúte, Manuel Alegre, Ondjaki, Mia Couto, Boaventura Cardoso, Luís Bernardo Honwana, Jofre Rocha, Wanda Ramos, Nélia Piñon e Arnaldo Santos.

Rildo Cosson (2011) apresenta a proposta de letramento literário como algo diferente da mera leitura literária. Para ele:

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2011, p. 23).

O autor, na construção de seus pressupostos teóricos, trabalha com teorias linguísticas sobre o processamento sociocognitivo da leitura, discutindo questões importantes como a interpretação e construção de sentido de um texto.

4.1 Motivação

Cosson (2011) apresenta quatro etapas como constituintes da sequência básica: a **motivação**, que consiste na preparação do aluno para que ele “entre” no texto. Normalmente, essa etapa se dá de forma lúdica, com uma temática relacionada ao texto literário que será lido, tendo como objetivo principal incitar a leitura proposta. Segundo o autor, o sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de uma boa motivação.

[...] cumpre observar que as mais bem sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir. A construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema é uma das maneiras usuais de construção da motivação. (COSSON, 2011, p. 55)

4.2 Introdução

Já na **introdução** é feita a apresentação do autor e da obra e, independentemente da estratégia utilizada para introduzir a obra, o professor não pode deixar de apresentá-la fisicamente aos seus alunos.

[...] a introdução, apesar de ser uma atividade relativamente simples, demanda do professor alguns cuidados. Um primeiro é que a apresentação do autor não se transforme em longa e expositiva aula sobre a vida do escritor, com detalhes biográficos que interessam a pesquisadores, mas não são importantes para quem vai ler um de seus textos. [...] outro cuidado que se deve ter é na apresentação da obra. Muitas vezes achamos que aquela obra é tão interessante que basta trazê-la para os alunos. Ela vai falar por si só. [...] Por isso, sabe ao professor falar da obra e da sua importância naquele momento, justificando assim sua escolha. (COSSON, 2011, p. 60)

4.3 Leitura

A terceira etapa é a **leitura** do texto em si, que deve ter um acompanhamento do professor. O autor chama esse acompanhamento de “intervalos” no qual há a possibilidade de o professor convidar os alunos a apresentar os resultados de sua leitura, assim como solução de algumas dificuldades relacionadas à compreensão de vocabulário ou mesmo de partes do texto. Tal sugestão é de fundamental importância para que o aluno não perca o interesse ao longo da leitura. Como Cosson (2011, p. 62) especifica “A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista”.

4.4 Interpretação

A quarta e última etapa é a **interpretação**. Para o autor ela se dá em dois momentos: um interior e outro exterior. O momento interior compreende a decifração, palavra por palavra, capítulo por capítulo e não pode ser de forma alguma substituído por algum tipo de intermediação como resumo do livro, filmes, minisséries. Para Cosson (2011, p. 65) “é o que gostamos de chamar de encontro do leitor com a obra”. Já o momento exterior é a “materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade” (Cosson, 2009, p. 65).

É no momento externo da interpretação que percebemos a diferença entre o letramento literário feito na escola e a leitura literária que fazemos de forma independente. Com base na teoria desenvolvida pelo autor, é interessante observar que, para que se tenha prazer e um maior entendimento na leitura, o aluno precisa passar pelo letramento literário. A escola tem papel fundamental nesse momento, sendo talvez ela, de fato, a principal responsável pela formação e consolidação de alunos leitores. Cosson (2011, p. 66) defende que:

Na escola é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura.

Há muitas possibilidades de fazer a interpretação dos textos, elas são diversificadas e dependem amplamente da turma, dos textos e do objetivo do professor e isso deve ser levado em consideração na hora do planejamento da sequência básica. Para Cosson (2011, p. 68) “o importante é que o aluno tenha a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a obra lida e externalizar essa reflexão de uma forma explícita, permitindo o estabelecimento do diálogo entre os leitores da comunidade escolar”.

5. EXEMPLO DE SEQUÊNCIA BÁSICA

Sobre a situação dentro das escolas, Cosson (2011) ressalta que alguns professores acreditam que a literatura só é ainda mantida nas escolas por tradição, argumentando que isso seria algo do século XIX, não da atualidade. Contudo, eles esquecem o valor que a literatura tem dentro da formação de um indivíduo, muito mais do que servir para se ensinar a ler e escrever.

Pensando nessas dificuldades, nossa proposta quis justamente poder, de alguma forma, colaborar para essa mudança. Buscamos em textos curtos em língua portuguesa, principalmente do século XX, parte dessa solução, por unir fatores que podem contribuir para a formação desses leitores.

Após a leitura sobre história e teoria do conto, fizemos a leitura de diversos textos. Para a seleção deles e continuação do projeto, usamos os objetivos e temas transversais apresentados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Com isso pudemos ter uma melhor ideia sobre quais textos e como as escolas poderiam aplicá-los em sala de aula na disciplina de Língua Portuguesa. Selecionamos nomes relevantes da literatura em língua portuguesa.

Trabalhamos com turmas do Ensino Fundamental e Médio. No Ensino Médio foi trabalhado, com a turma do 3º ano, sobre Rubem Fonseca. Uma das principais características da obra de Rubem Fonseca é a violência. Ela não é somente física (agressões, estupros, assassinatos, roubos), mas principalmente verbal: seus personagens dizem palavrões, chocam pelos seus pensamentos, e principalmente pela linguagem utilizada pelo autor: objetiva, direta

e seca, um diferencial e, ao mesmo tempo, um problema para a escola brasileira, muitas vezes ainda ligada a valores morais questionáveis.

O conto escolhido foi “Entrevista”, a motivação foi trabalhada da seguinte forma:

Questioná-los sobre o que entendem por Entrevista, que tipos de entrevista conhecem, já deram alguma entrevista, já fizeram alguma.

Apresentar-lhes algumas perguntas criativas em entrevistas para ver se conseguiriam responder:

Não existe resposta certa ou errada, se você pudesse estar em algum lugar no mundo agora, onde você estaria agora?

Quais são os seus sonhos de vida?

Qual foi o último livro que você leu?

Se você fosse um animal, qual você seria?

O que faria se ganhasse na loteria?

Explicar sobre esse tipo de pergunta, pois são a partir delas que o entrevistador conhecerá melhor o entrevistado.

Encerrada a motivação, passamos à introdução, salientamos que o conto trabalhado está na obra *Contos Reunidos* de Rubem Fonseca, que foi separado por ordem de publicação das obras do autor. O conto foi publicado no livro que se chama *Feliz Ano Novo* e que o título do conto é “ENTREVISTA”. Foi feita uma breve leitura sobre o autor e sua bibliografia.

Para a leitura foi distribuído cópias do conto e primeiramente foi feita a leitura individual em voz baixa. Depois foi pedido que dois alunos, um menino e uma menina lessem o diálogo, um lê a parte que corresponde à letra M e o outro a letra H.

Em relação à interpretação abordamos algumas questões a respeito do conto:

Onde ocorre a entrevista entre os personagens?

Quem conta a história participa dela?

Quem são os personagens do conto?

Qual o efeito de se identificarem os personagens, no conto, apenas pelas letras H e M?

Para a produção textual, sequência da interpretação, os leitores precisavam fazer um final alternativo para o conto.

Esse é um conto de suspense. O predomínio de uma certa escuridão, ao longo da narrativa, não deixa evidentes algumas ações dos personagens. Seguindo o estilo do autor, narre o desfecho do conto.

Para isso, podemos observar, na sequência, o desfecho dos alunos A e B em relação ao conto:

Quadro 01 – desfecho do aluno A para o conto “Entrevista”

H – Então acenda a luz
M – Nossa!
H – O que foi?
M – Nada.
H – Você achou que fosse outra pessoa né?
M – Bom, na verdade pensei que fosse meu ex-marido.
H – Não, não. Meu nome é Arlindo, mas me chame de Lindo porque o ar eu perdi assim que te vi.
M – Hahaha... Assim você me deixa sem graça.
H – Você tem um lindo sorriso.
M – Obrigada, são seus olhos.
H – Mas afinal de contas, abriu um novo restaurante aqui perto. Aceita jantar comigo?
M – Claro, ainda bem que você percebeu que eu estava morrendo de fome.
H – É que cara feia pra mim é fome. Hahaha brincadeira. Vamos?
M – Nossa você é realmente muito engraçado. Vamos!

Quadro 02 – desfecho do aluno B para o conto “Entrevista”

H – Estou esperando você ligar as luzes.
M – Mas você realmente quer ver meu rosto?
H – Pra que tanto mistério para ligar a luz, está com medo de que eu seja teu marido?
M – Eu disse que uma já tive medo, hoje não tenho mais e se realmente for você, que seja então.
H – Acenda a luz então.
M – Pronto, a luz está acesa, agora vire o rosto para mim.
H – Você não está surpresa de me ver?
M – Não, pois ao escutar sua voz, mesmo depois de tanto tempo, me recordei que era você.
H – Pois então, hoje estou aqui, para terminar aquilo que comecei dar o seu final.
M – Então vamos, o que está esperando?
H – Escutar suas últimas palavras...
M – Eu sabia que um dia isso ia acontecer... (ele olhou bem para o rosto dela e um tiro lhe deu).

Os contos tiveram grande aceitação tanto por parte dos alunos quanto por parte dos professores, visto ser uma leitura proveitosa, rápida e de fácil compreensão, além de ser curto e de poder ser lido em sala com os alunos. Os alunos não conheciam esse gênero textual, porém, ainda pediram para ler outros do mesmo autor. A leitura chocou os alunos em um primeiro momento devido à brutalidade física e verbal, uma das principais características da obra de Rubem Fonseca.

Quando todos terminaram de redigir seus finais, voltamos para o segundo momento da leitura, isto é, solicitamos que um aluno lesse em voz alta o conto com final alternativo. A atividade despertou risos ante alguns finais extravagantes criados pelos alunos e outros tantos protestos a respeito da criatividade dos colegas.

Podemos observar que o aluno A faz uma “brincadeira” em relação ao suspense decorrido na história, pode-se dizer que ele não segue o estilo do autor, Rubem Fonseca, e usa gírias e expressões usadas em seu cotidiano – do aluno – “fugindo” do suspense e “entrando” em um texto cômico. Já o aluno B segue o suspense do autor, finalizando o conto com o reencontro do casal e supostamente a morte da mulher – que foi o esperado por todos os alunos durante os comentários após a leitura da história.

As atividades de interpretação tiveram com intuito ir além do texto e relacioná-lo com o contexto dos alunos, visto que concebemos a linguagem como um processo de constituição do sujeito, assim como vemos a importância da leitura no estabelecimento de relações entre sujeito e o mundo. Em relação à produção textual dos alunos, ela foi extremamente positiva para incentivar não só a leitura, mas também a produção de contos por parte deles.

Estudar teorias é mais fácil do que pô-las em prática. Esse trabalho nos fez perceber que precisamos de muito mais tempo em sala de aula, para acompanhar de forma efetiva a melhoria da prática de leitura de textos literários.

Podemos dizer que o gênero tem muito a colaborar na formação de leitores de literatura. Por ser uma leitura breve e rica em saberes, o conto pode contribuir tanto para o crescimento intelectual dos leitores quanto para o incentivo de novas leituras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por acreditamos que o conto seja uma porta de entrada para se conquistar leitores e introduzi-los ao estudo e leitura de nossa literatura, usamos isso como ferramenta para colaborar com a formação de novos leitores.

A obra *Letramento Literário* (2011) de Rildo Cosson nos proporcionou uma melhor compreensão sobre uma problemática: a do uso de textos literários em sala de aula. Quanto mais usarmos a língua, maior será nosso mundo, pois a escrita é uma das formas de adquirir conhecimento. Cosson nos mostra que uma obra literária pode nos libertar a cada leitura, não nos aprisionar, visto que "no exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos." (COSSON, 2011, p. 17).

Este trabalho nos proporcionou um conhecimento mais amplo em relação ao estudo e ao ensino de literatura e língua portuguesa a partir da leitura de textos teóricos e de atividades práticas, através do contato com a realidade escolar. Possibilitou-nos uma visão maior em relação ao uso de nossa língua com a leitura de textos literários.

EL CUENTO EN LENGUA PORTUGUESA EN LA CLASE: UNA APUESTA POSITIVA

Resumen: el presente trabajo tiene como objetivo desarrollar un estudio sobre el género cuento, su importancia en el aula, cómo es trabajado en las escuelas, sus orígenes hasta la actualidad. El trabajo se desarrolló a partir de búsquedas bibliográficas y observaciones en el aula en relación con el tema definido. Cuál es la mejor forma de trabajar con las historias en el aula, que es la visión de los estudiantes en relación con los cuentos. Creemos que a partir de estos datos podemos entender mejor la realidad de las escuelas con el trabajo de la lectura y escritura de textos literarios. La lectura de buenos textos con valor estético, contribuye al establecimiento de relaciones entre el sujeto y el mundo. También concebimos el lenguaje y la lectura como procesos de constitución del sujeto. La literatura tiene un papel importante en la reflexión de cómo el sujeto actúa con el mundo circundante. A partir de esto, la lectura de textos literarios ayudará a profesores y alumnos a explorar la riqueza de nuestra lengua y de las diferentes visiones del mundo que hay en los países de habla portuguesa. Por otra parte, la riqueza léxica, la creatividad en el uso del lenguaje y la visión social presentada en los cuentos contribuyen al debate sobre el ser humano.

Palabras clave: Alfabetización. Literatura. Cuento. Lengua Portuguesa. Enseño.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FONSECA, Rubem. *Contos Reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- GERALDI, J. W. *Leitura: uma oferta de contrapalavras*. In: GEGE. *O espelho de Bakhtin*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007. p. 39-46.
- GOTLIB, Nádía. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1985.
- HOHLFELDT, Antonio. *Conto Brasileiro Contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.
- JOUVE, Vincent. *Por que estudar literatura?* São Paulo: Parábola, 2012.
- LAJOLO, Marisa. *O texto não é pretexto. Será que não é mesmo*. IN: ZILBERMAN, Regina & RÖSING, Tania M. K.: *Escola e Leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: global, 2009. p. 99 – 112.
- LIMA, Hermann. *Evolução do conto*. In: COUTINHO, Afrânio. (org). *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Global, 2005. Volume 6
- LOIS, Lena. *Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- MOISÉS, Massaud. *O conto português*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- PAULINO, Graça. *Letramento literário: cânones estéticos e cânones literários*. 22ª Reunião Anual da ANPed, 1998.
- PÓLVORA, Hélio. *A força da ficção*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. *As humanidades, os estudos culturais, o ensino da literatura e a política da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2010.
- ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

ANEXO A – Conto “Entrevista”

Entrevista, Rubem Fonseca

M – Dona Gisa me mandou aqui. Posso entrar?

H – Entra e fecha a porta.

M – Está escuro aqui dentro. Onde é que acende a luz?

H – Deixa assim mesmo.

M – Como é o seu nome mesmo?

H – Depois eu digo,

M – Essa é boa!

H – Senta aí.

M – Tem alguma coisa para beber? Eu estou com vontade de beber. Ah, estou tão cansada!

H – Nesse armário aí tem bebida e copos. Sirva-se.

M – Você não bebe?

H – Não. Como foi que você veio para o Rio?

M – Peguei carona num fusca.

H – São mais de quatro mil quilômetros, você sabia?

M – Demorei muito, mas cheguei. Só tinha a roupa do corpo, mas não poderia perder tempo.

H – Por que você veio?

M – Há, há, há, ai meu Deus! Que coisa... só rindo.

H – Por quê?

M – Você quer saber?

H – Quero?

M – Meu marido. Vivemos quatro anos felizes, felizes até demais. Depois acabou.

H – Como acabou?

M – Por causa de outra mulher. Uma garota que andava com ele. Eu estava grávida. Há, há, só rindo, ou chorando, sei lá...

H – Você estava grávida...

M – No dia 13 de outubro jantávamos no restaurante, quando surgiu essa garota, que ele andava namorando. Meu marido estava bêbado e olhava para ela de maneira debochada, e então ela não aguentou mais e se aproximou de nossa mesa, falou em segredo no ouvido dele e eles se beijaram na boca, como se estivessem sozinhos no mundo. Eu fiquei louca; quando

dei conta de mim, estava com um caco de garrafa na mão e tinha arrancado a blusa dela, uma dessas camisas de meia que deixa o busto bem destacado.

H – Sei... Continua.

M – Dei vários golpes com o caco de garrafa no peito dela, com tanta força que saiu um nervo para fora, de dentro do seio. Quando viu aquilo, meu marido me deu um soco na cara, bem em cima do olho; só por um milagre não fiquei cega. Fugi correndo para casa. Ele atrás de mim. Eu gritava por socorro para ver se os meus parentes ouviam, eles moravam perto de mim. Porque eu não sou cão sem dono, ouviu? Ainda ontem eu dizia na casa de dona Gisa, para uma moça, que não posso dizer que seja minha amiga, nesta vida ninguém tem amigo, nós apenas fazemos programas junto, eu dizia para ela, eu estou aqui, mas não sou cão sem dono, quem encostar um dedo em mim vai ter que se ver com minha família.

H – Mas agora eles estão lá no norte, muito longe...

M – Parece que estou num teatro, há, há,...

H – Você fugiu gritando por socorro. Continue.

M – Eu me tranquei dentro do quarto, enquanto meu marido quebrava todos os móveis da casa. Depois ele arrombou a porta do quarto e me jogou no chão e foi me arrastando pelo chão enquanto me dava pontapés na barriga. Ficou uma mancha de sangue no chão, do sangue que saiu da minha barriga. Perdi nosso filho.

H – Era um menino?

M – Era.

H – Continue.

M – Meu pai e meus cinco irmãos apareceram na hora em que ele estava chutando a minha barriga e deram tanto nele, mas tanto, que pensei que ele ia ser morto de pancada; só deixaram de bater depois que ele desmaiou e todos cuspiram e urinaram na cara dele.

H – Depois disso você não o viu mais?

M – Uma vez, de longe, no dia em que vim embora. Ele veio me ver de muletas, com as pernas engessadas, parecia um fantasma. Mas eu não falei com ele, saí pela porta dos fundos, eu sabia o que ele ia dizer.

H – O que é que ele ia dizer?

M – Ele ia pedir perdão, pedir para voltar, ia dizer que os homens eram diferentes.

H – Diferentes?

M – É que podiam ter amantes, que é assim a natureza deles. Eu já tinha ouvido aquela conversa antes, não queria ouvir novamente. Eu queria conhecer outros homens e ser feliz.

H – E você conheceu outros homens?

M – Muitos e muitos.

H – E é feliz?

M – Sou, você pode não acreditar, levando a vida que eu levo, mas sou feliz.

H – E não se lembra mais do seu marido?

M – Lembro dele apoiado nas muletas... Me disseram que ele anda atrás de mim e carrega um punhal para me matar. Posso acender as luzes?

H – Pode. E você não tem medo de ser achada por ele?

M – Já tive, agora não tenho mais... Vamos, que é que você está esperando?

Fonte: Contos Reunidos